

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

***Sub Grupo História Oral***

***A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas***

**GEORGINA GOMES DE FIGUEIREDO**

***Belo Horizonte***

***Minas Gerais***

## Traços Biográficos

### GEORGINA GOMES DE FIGUEIREDO

*Nascida em Pedra Azul, interior de Minas Gerais aos 20 dias de agosto de 1939; solteira, mora há 20 anos com um companheiro, sem filhos. Sua vivência na EECC é de 1959 a 1962 como aluna.*

*Com a morte da mãe aos 11 meses de idade, sua avó e tias se responsabilizaram pela sua criação, por isso considera ter sido criada por uma grande família.*

*Mudou-se para Belo Horizonte aos dezessete anos em busca de continuidade de estudos. Com um teste vocacional, descobriu que poderia exercer qualquer profissão que cuidasse de gente. Optou por enfermagem porque necessitava de um local para morar. Considera-se como uma pessoa bastante independente que sabe o que quer da vida.*

*Tem ótimas lembranças da escola, apesar da rigorosa disciplina, principalmente por parte de Irmã Clarízia, e certo desconforto quanto à alimentação e acomodação no internato. Atuou como representante de turma; participou de grupo de jovens.*

*Formou-se em fevereiro de 1962. Em seguida iniciou curso de psicologia à noite enquanto trabalhava no Hospital Sávio Nunes, de 62 a 67 e depois no Hospital Galba Veloso até 1969. Mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro ao terminar o curso de psicologia, onde trabalha como analista nesta área.*

## SUMÁRIO

### **FITA 1 - LADO A**

Menciona a infância no interior de Minas; a família; a crença religiosa; a sua vinda para Belo Horizonte para continuar os estudos; o trabalho no banco de Londres; o teste vocacional; a conversa com o Padre. Laje; o significado da enfermagem; o preconceito dentro da enfermagem; a sua entrada para a escola de enfermagem; as boas lembranças da escola; o desconforto da área física do internato; a sede do internato; a coramina; a falta de privacidade dentro do internato; a rigidez das normas, as punições do internato; o namoro; a diversão; o relacionamento com os funcionários, com as freiras; o autoritarismo e a rigidez da Ir. Emília; o curso de especialização em São Paulo; o internato em São Paulo; as festas; as férias; a gratuidade do internato.

### **FITA 1 - LADO B**

Referência a sua permanência no internato; a punição de alunas que infringiram as normas; as aulas teóricas no Hospital São Vicente; as aulas práticas; as aulas fracasadas pelas enfermeiras; o uniforme; a participação no JUC; o relacionamento da enfermagem com a medicina, das alunas com os professores; a luta da Ir. Emília pela desanexação da escola; as saídas escondidas para ir em festas; as colegas que abandonaram o curso; os estágios; os plantões particulares; as campanhas de vacinação; as comemorações da escola; a comida do hospital São Vicente; a divulgação do curso de enfermagem em colégios; o jornal mural; a construção da atual escola de enfermagem; a desanexação da EE da medicina; a formatura; a festa das alunas em comemoração da formatura; a vergonha que passou nessa festa; as professoras interessantes.

## **FITA 2 - LADO A**

Menciona as festas particulares das colegas; o trabalho após a formatura; o curso que fez de psicologia; a Ir. Emília como aluna de psicologia; o primeiro emprego como enfermeira; empregos posteriores; a época da revolução de 64; sua militância política; os cabeças do movimento; o trabalho no Galba Veloso; o curso em saúde pública; a bolsa da Capes; sua participação na ABEn; a paixão por hospitais; crítica ao curso de enfermagem; dúvida sobre a decisão por enfermagem; a correria do hospital; a dificuldade em lidar com a morte; a atuação da medicina e da psicologia.

## FITA 1 - LADO A

Geralda: Seu nome completo.

Georgina: Georgina Gomes de Figueiredo.

G.: Data de nascimento?

Geo.: 20/08/39.

G.: Você nasceu onde?

Geo.: Pedra Azul, norte de Minas.

G.: Estado civil.

Geo.: Sou solteira e vivo com uma pessoa há quase vinte anos, Viegas, que te atendeu. Atendeu você lembra? Ficou morrendo de inveja porque ele também gostaria de estar dando entrevista, porque ele foi professor lá na escola.

Valda: Pode deixar que nós vamos pegá-lo logo depois de você.

G.: Filhos?

Geo.: Não.

G.: Georgina fala pra gente um pouco da sua vida, da infância, adolescência, da sua família, como é que, que foi?

Geo.: Olha, é, eu fui criada numa grande família, né, Pedra Azul que é uma cidadezinha do interior de Minas e eu fui criada por meus avós, porque, quando com onze meses, minha mãe faleceu, né e também no período dela doente minha avó já, minha, minha avó, minhas tias, né, começaram a, a cuidar de mim. E aí eu vivi em Pedra Azul até dezessete anos, né, fiz o ginásio lá, e como é que eu te diria, essa coisa de infância feliz assim. [risos]

G.: Como é que era a relação sua com seus avós, as festividades, participação nas atividades religiosas, a crença religiosa?

Geo.: Olha, eu, na minha família nunca teve nenhuma, nenhuma, vinculação, vamos dizer assim, direta com a, com o catolicismo, né, que é a, vamos dizer assim, que é a religião, né, mineira, brasileira não sei. Agora eu, é mais ou menos aquilo é uma coisa que o (inaudível) diz, né, quando pergunta pelo ateísmo dele, é, é, se o cristianismo teve alguma influência na obra dele. Então, ele diz assim: “ Olha é, eu sou.. eu tenho

aquilo que eu chamo de cristianismo ambiental, porque é impossível você viver em Minas, certo, é, negando o cristianismo...[toque de telefone]

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

Geo.: Então eu não tenho essa, como é que se fala?

G.: Uma crença?

Geo.: Não, essa coisa que a família religiosa né, essa tradição religiosa, né, embora depois eu tive uma irmã que foi ser freira etc e tal, mas nós não tivemos, sabe, essa tradição, ia à missa e como eu ia nos, numas coisas protestantes, adorava, porque tinha cineminha, sabe, também ia à missa, porque também tinha as amiguinhas, mas eu nunca tive nenhuma tradição religiosa, né.

G.: Você disse que ficou em Pedra Azul até aos dezessete anos e após os dezessete anos?

Geo.: Aí eu vim para Belo Horizonte.

G.: Qual o motivo que levou você a ir para Belo Horizonte?

Geo.: Olha eu acho que, quer dizer se você pensar é, quer dizer hoje, quer dizer hoje eu vou falar, o que eu, naquela época eu imaginava que seria, né, porque em Pedra Azul só tinha o, o ginásial e acontece que eu queria é estudo sabe.

G.: Estudar mais.

Geo.: Estudar mais, nunca me passou pela cabeça que eu não pudesse estudar.

G.: E a partir disso você foi estudar o que?

Geo.: Aí, eu fui fazer, fiz ginásial, fui pro colégio estadual, lá em Belo Horizonte e aí estava fazendo o colegial que eu não terminei no colégio estadual, né, colégio mineiro né? E fui fazer teste vocacional, então eles, é, no teste vocacional eles falaram: Olha qualquer coisa que lide com gente você pode fazer, mas na época eu precisava de moradia, sabe, se eu fosse fazer um curso, né, é porque também no colégio estadual, trabalhava no banco, Banco de Londres, né, é mas aí se eu fosse fazer qualquer outra coisa, o tempo integral aquela coisa toda, então eu precisava de um lugar que tivesse moradia, né, e aí eu fui pra escola, e achei que seria enfermagem, porque estava....

Valda: Tinha internato...

Geo.: Tinha internato.

G.: Quer dizer que você já trabalhava em Belo Horizonte fazendo ginásio.

Geo.: Ginásio não, ginásio eu fiz em Pedra Azul, sempre trabalhei desde de acho que onze anos de idade eu já trabalhava. E em Belo Horizonte aí eu fui, comecei, fui, fui, pro Banco de Londres, trabalhei no Banco de Londres, quando eu fui fazer enfermagem eu pedi demissão e fui fazer enfermagem.

G.: Quer dizer que esse teste vocacional e a necessidade de um local de moradia, ajudou você a escolher enfermagem. Ou tem mais alguma outra situação que influenciou você a fazer enfermagem?

Geo.: Não, no teste, no teste vocacional dava é, você imagina adolescente de, é dezessete anos, morando numa cidadezinha desse tamanhinho, e ir pra uma cidade grande, né, morar na casa, pra mim não era muito claro o que, que eu queria, como até hoje, ainda estou fazendo teste vocacional pra saber o que eu vou querer quando eu crescer [risos].

G.: Como que a sua família, como que a sua família, amigos, parentes, como que eles reagiram quando você disse que iria fazer enfermagem?

Geo.: Olha, tudo bem, o, a ninguém não lembro de ninguém ter feito, também não tinha muito quem fizesse oposição, eu fazia o que dava na minha cabeça.

V.: Você já era independente?

Geo.: Era independente, né. Agora eu lembro que na época eu fui falar com padre Lage, não se você lembra do padre Lage, se você já tinha ouvido falar.

V.: De nome.

Geo.: E aí o padre Lage, ele, ele, tirou, e falou assim: Olha não faz isso não, não vai fazer enfermagem não, geralmente, você não vai se adaptar, porque geralmente o pessoal é muito, , é, ele, ele achava que eu ia ficar muito deslocada, é do ponto de vista intelectual sabe, é, que eu deveria, assim, terminar o colegial tentar uma universidade, etc, e depois eu tentei depois que eu fiz enfermagem, né, aí eu já estava mais... mas foi a única pessoa que oh! Geo, o pessoal é muito atrasado sabe, [risos], não faz, é, não entra não.

G.: Você tinha idéia do que era ser enfermeira. Em termos, das idéias que passavam na sociedade, você não tinha, o que significava ser enfermeira, o que significava?

Geo.: Ah, eu acho que a gente não sabe, né, quer dizer, essa coisa é... acho que eu não era tão ingênua assim, né, pra não saber, mas é engraçado é que eu acho que foi lá na Escola de enfermagem que eu, que eu, você está entendendo que aí eu realmente, não, não que eu sentisse esse preconceito comigo, o preconceito é, quer dizer, aquele discurso moralista e tentando ser moralizante, né?

G.: Era da escola?

Geo.: Da escola, né, a enfermagem, o enfermeiro, “Olha isso, não pode isso, não pode aquilo porque já é mal vista,” não sei o que, sabe, “Olha cuidado namorar médico”, é, acho que todo mundo achava, porque era amante de médico, médico só, sabe? Então foi na escola...

G.: Você acha que a própria escola que fazia, que surgia esse discurso?

Geo.: Isso, porque eu não, acho que eu não prestava muita atenção também, eu estava com outras preocupações, não é, então, na, na, aí na escola sim, aí na escola é que eu, eu vi esse discurso.

G.: Georgina, em que ano você entrou pra escola?

Geo.: Foi cinqüenta e nove, foi fevereiro de cinqüenta e nove.

G.: Como que foi a seleção pra você entrar, você se lembra?

Geo.: Eu achei fácil [riso] eu achei fácil.

G.: Teve o que, foi algum teste, o que foi?

Geo.: É acho que teve teste, teste [pausa] teste não, teste? Tinha umas provas, né, gente acho que fiz tanto teste. Provas de que? [riso]

G.: Algum exame psicológico.

Geo.: Eu não me lembro disso não. Acho que na minha turma ainda não tinha, ou teve, ah, realmente eu não lembro de nada não.

G.: Assim, você se lembra de algum fato interessante nesse início de curso, logo de início que você entrou, se alguma coisa assim chamou atenção.

Geo.: Olha, eu logo, eu amei de paixão minha turma, sabe. A gente fez assim, sabe, um negócio assim, é eu acho que com uma semana eu já parecia que a gente, é se conhecia há anos, sabe, era um negócio assim, se, é, era, acho que vocês vão perguntar, mas eu



já vou adiantar. Tanto que eu tenho uma lembrança ótima [risos] apesar dos pesares, apesar da irmã Emília [risos]. Eu tenho uma lembrança ótima da Escola de Enfermagem, sabe? É...

G.: Como, como é que era vida no Internato?

Geo.: Olha, é, hoje vendo assim, dando uma distância, eu acho que era de um desconforto, que só a juventude permite, sabe? Eu dormia num quarto com dez pessoas, sabe, assim, o banheiro lá em cima, acho que tinha, sei lá quantas mulheres, porque tinha primeiro, segundo, terceiro ano, né, e poucas estudantes, não estavam, não eram internas, né, então sei lá, eram três banheiros, um mulherio, sabe. Então era um negócio muito desconfortável, não tinha comida, na época a gente comia não, é, e além da, ah você perguntou do internato, né, eu já estou indo lá pra, a gente não tinha comida, a gente ficava comendo doce, metabolismo, sabe, a gente comia basicamente doce.

G.: Onde que era o internato?

Geo.: Getúlio Vargas, né? Avenida Getúlio Vargas, numa casa, hoje ele, acho, hoje é um restaurante, né? Era uma casa muito bonita, muito grande, né, mas era muito desconfortável.

G.: Não existiam horários específicos para as refeições?

Geo.: Não, não tinha refeições, não. Você acordava, tinha a hora de acordar, no finalzinho quando a gente acho que estava nos últimos meses que aí tinha um jantar, né, mas eu sei que a gente tomava lá, eu nem sei se a gente tomava café lá, aí tinha a Coramina, ah ainda tinha o diabo da Coramina que era aquela, era uma perua que um dia vinha, outro dia não vinha, e lá ia a gente, sabe. E tinha de chegar, né, não importava se a Coramina vinha ou não, sete, sete e meia, sei lá, tinha que estar lá. E tinha estágio que você tinha que está mesmo, né. Uma cirurgia que estava marcada precisava das estagiárias, você tinha que estar lá, não é? Então, eu me lembro de uma coisa muito desconfortável, né, nesse sentido e você ter que ter uma, é, forçosamente ter um, uma vida comunitária, você não tinha um, um, você não tinha um espaço privado, não é.

V.: Georgina, isso na sua lembrança de hoje, e na época?

Geo.: Na época eu também sentia.

V.: Você se sentia desconfortável?

Geo.: Por exemplo, eu, eu tinha uma prisão, coisa mais prosaica, prisão de ventre, né. Eu lembro que minha prisão de ventre piorou, porque eu, eu realmente eu não tinha onde...

V.: Privacidade, né?

Geo.: Eu não podia, não, não, eu tinha que esperar, é não sei quantas pessoas usarem o banheiro, pra eu ir pro banheiro, né, então era desconfortável. Agora, eu nunca, quer dizer que, você com dezenove anos, você não está entendendo, e como a gente é, é a turma era muito amiga e tal, então essa coisa ficava meio o que...

V.: Secundária, né?

Geo.: Secundária né.

G.: Como que eram as normas de funcionamento do internato, existiam normas assim definidas, determinadas...

Geo.: Tinha demais rígidas um negócio de, tinha que chegar tal hora, acho que tinha até de ir à igreja também, parece que tinha um negócio de ir à missa. Tinha, acho que tinha um negócio assim, tinha que ir à missa, acho que aos domingos, não sei, sabe? É, era muito rígido. Você não podia dormir fora, tá. É que mais?

G.: Tinha horário de chegar...

Geo.: Tinha horário de chegada, então, você tinha que largar tudo que você estava fazendo, né, pra chegar lá no internato e não tinha, por exemplo você não podia dormir fora, podia só nos dias de folga, né, tinha um negócio assim, aí no dia de folga você podia dormir fora, é um negócio muito engraçado, quer dizer, [riso] no dia da folga você era dona do seu nariz, [riso], né, não importava o que acontecesse.

G.: Já que existiam essas normas, e as punições também existiam? Alguma situação que você ...

V.: Se não voltasse pra casa, se não dormisse por exemplo em casa.

Geo.: Olha eu, eu lembro de mim uma vez, sabe, que eu, uma amiga minha teve nenê, e eu, é, eu nem sei se foi por isso, por causa do nenê, ou se eu estava, estava naquela farra de nenê de a família inteira, eu resolvi dormir lá, lá na casa, por conta disso, né. E aí aquela coisa chata, né, de ter que falar com a irmã Emília, não é, e aí eu falei, se a

senhora quiser o atestado médico, eu trago, né? Ela está internada lá no Hospital São Lucas, né, se a senhora não estiver acreditando no que eu estou dizendo, então, né, aí como era por uma causa justa, né, na cabeça dela, eu acho que nem foi por isso [riso]. Aí ela não pediu atestado, etc e ficou isso por isso, mas eu lembro que, é, lembro que era um negócio complicado, não era fácil não.

G.: Em relação ao espaço físico assim do internato, existia algumas coisas, algum espaço assim, definido em termos, espaço para estudo?

Geo.: Não, não era, não tinha, é isso que eu estou te dizendo.

V.: Não tinha cozinha lá, era só quarto, eram só quartos?

Geo.: Era só quarto, tinha uma cozinha mínima, né, que acho que dava café e tinha uns negócios assim, e as empregadas não podiam dar lanche, não podia isso, tinha, você tinha que chegar de tanto a tanto, que o lanche era de tanto a tanto, aí tinha a dona Zulmira, a, a, dona Zulmira, a, como é que ela chamava gente?

V.: Teresa?

Geo.: Teresa não, é outro nome, é, aí então a gente entrava na cozinha pra pegar o lanche, ah, tinha um lanche à noite também, sabe, uma guardava pra outra, sabe, tinha umas coisas assim que. Agora eu acho que, o espaço é isso que eu estava dizendo, você não tinha privacidade, eu por exemplo, estudar, eu que sou super dispersiva, era um inferno, porque eu num, num, tinha é, eu não tinha por onde me concentrar, né, você tinha que arrumar uns buracos lá dentro da casa, uns locais para você poder concentrar, não era muito desconfortável.

V.: Tinha terreno? No fundo?

Geo.: Tinha, tinha sim, tinha uma, uma, um quintal, mas não lembro de ser coisa muito grande não.

G.: Como que vocês faziam pra namorar, passear, divertir socialmente.

Geo.: Olha, a gente dormia na casa, da, da, ah, imagine que, sempre encontra, imagina.

G.: Sempre arruma um jeito?

Geo.: Tentava arrumar um jeito, tinha sempre. [riso]

G.: E como que era...

Geo.: Saía, ia, dormia na casa das amigas, né, é ia para os bailes e sempre em turma né, era uma coisa assim muito, muito participante, aquela coisa de internato mesmo,

uma nam, arrumava namorado, todas estavam namorando com aquele fulano, né, coisa bem de, de identificação projetiva, todo mundo namorava com ele, sabe, então, foi assim, né?

G.: Pelo que você já disse, o relacionamento era muito bom entre as colegas, e entre as, os funcionários, entre as freiras, como que era o relacionamento?

Geo.: Olha, na, realidade, os funcionários, olha eu não . eu não tinha nenhuma, vamos dizer assim, lembrança ruim dos funcionários, pelo contrário eu acho que até dentro, aquela coisa de burlar a lei, né, de, aquela coisa muito rígida, que eu acho que isso não é só na Escola de Enfermagem que acontece, sempre que se tem uma lei muito rígida, que eu acho que passa até a não ser lei, nem sei como é que chamam isso, né, porque lei é uma coisa né, é flexível, né, assim eu acho que se chama de lei, né muito rígida, né, a coisa começa a sair pelas, pelas tangentes, e eu lembro dos funcionários muito gentis, e tentando proteger a gente, não é?

G.: Quem mais morava, quem morava no internato além das alunas?

Geo.: Moravam, morava a irmã Emília, uma professora, Alaíde, na minha época, Alaíde morava, é foi só, na minha época era só essas. Mas você fez uma pergunta se tinha mais gente, como é que é, qual é a pergunta?

V.: Relacionamento...

G.: Relacionamento com as...

V.: Ah, com as freiras.

Geo.: Com as freiras, aí as freiras eram nos estágios, né, e, e, eu acho muito superficial, eu acho.

G.: Na sua época as freiras não moravam no internato?

V.: Mas a irmã Emília morava, conta a história com o relacionamento com irmã Emília, Georgina.

Geo.: Ah, era um negócio complicado, uma das coisas mais autoritárias, e hoje com distanciamento, né, quer dizer hoje eu posso, uma das coisas mais autoritárias que eu já vi na minha vida, sabe, eu espero que ela tenha mudado, que ela hoje seja uma outra pessoa, sabe e que a mais tenha... uma das coisas mais autoritárias, não que eu tenha alguma coisa pessoal, né, não é, é, não é por aí, né? Quer dizer [telefone tocando] é, quer dizer, mas a gente, eu segurei a peteca de brigar, de enfrentá-la, sabe, eu não era

nunca fui, né.

V.: De obedecer, né?

Geo.: Não. Quer dizer é engraçado ao mesmo tempo que eu, eu acho que eu fazia tudo direitinho, eu fiz tudo direitinho, eu não seria uma, vamos dizer assim, uma...

V.: Transgressora de primeira[riso].

Geo.: Não, não, eu acho que eu não era transgressora de primeira, mas eu acho que eu não era transgressora exatamente, porque a turma era muito homogênea, sabe? E a gente também aquela coisa do, fazer calado, do, do é daquela coisa inteligente, não precisava peitá-la, a gente fazia, né.

V.: Jogo de cintura, astúcia.

Geo.: É, sabe, ia fazendo, e, né. Mas mesmo assim eu, eu acho que eu fui uma das que mais peitei irmã Emília, sabe?

V.: Como é que essa autoridade ela se manifestava?

Geo.: Ah, em tudo. Pra mim é uma coisa doida, psicótica, sabe, eu lembro dela como uma, uma, aquela coisa moralista, sabe. E, sabe, sabe era da inocência, gente, aquelas adolescentes que você podia lidar com a maior facilidade, sabe, não tinha, é, que eu podia hoje dizer, ah, mas lidar com adolescentes, né. Enquanto que, adolescentes já crescidinhos, né, e tinha gente lá que não era mais adolescente, podia até dizer, não mas, imagina, muitas moças, que coisa. Nada, sabe, eu acho que se pudesse, que se tivesse uma coisa. Agora tinha um discurso moralista, né, que a, exatamente em cima dessa coisa do mal visto, que a enfermagem, que não peguei, né, quer dizer eu já peguei a escola arrumada, segundo a leitura da irmã Emília, né? Porque era mal vista na Escola de Medicina, era um horror, era tudo desorganizadíssimo, sabe, assim se ela não entrasse aquela escola ia de mal a pior, né, por conta da desorganização. Então, eu acho, eu acho que ela era organizadíssima até organizada demais era uma coisa, sabe, e, e, que eu, engraçado, nesse discurso moralista de valorizar a enfermeira, né, eu acho que pelo contrário, porque você tinha que ficar tão submetida, por exemplo, eu lembro um, um dia, né, que eu, depois eu fiquei como, aquela coisa do, diretório que era ligado a medicina, era, que como chefe de turma, eu não lembro exatamente, a, como é que se chama?... ah, representante de turma, né, então eu lembro que eu fiquei representante de turma, não sei dois anos, três anos, então um dia eu estava lá sentada

com ela quando vieram uns estudantes de medicina também lá do diretório e, “ô Georgina, parabéns você pela segunda vez...”, e quando vejo irmã Emília mandando eu levantar, sabe, [riso]. mandando eu levantar, sabe, pros médicos, sabe? É, mandando eu falei mas olha que coisa mais, eu tinha que levantar pra colega, eu podia até levantar dar um beijinho, oi ... era até Gilberto, oi tudo bom, obrigada, sabe.

G.: Você não podia era dar o beijinho[riso].

Geo.: [riso] Você está entendendo, o, tinha que levantar, não, mas o negócio é porque eram os médicos, porque tinha que é eu estava sendo sem educação, eu como enfermeira. sabe, que no fundo era coisa submissa, a gente sabe que hoje, isso é submissão, né.

G.: Da irmã Clarízia você acha que, é, essa disciplina rigorosa, que ela mantinha, isso era coisa da Congregação, de onde que ela trouxe isso, ela deixou transparecer em algum momento? De onde que ela trouxe esta rigidez?

Geo.: Eu não conheço, eu estou dizendo isto, mas eu não conheço a, sabe, eu não foi essa a, a, é uma coisa que eu tinha por exemplo, eu tinha uma irmã que eu guardei, como que ela, como é irmã Luíza gente, uma, uma ótima que era do sexto andar, que era tida como bonachona, sabe, é, tudo funcionava legal, [riso] sabe, e eu não poderia te dizer, porque eu não conheço ou esqueci, né, da Congregação, eu acho que era coisa dela, da irmã Emília, uma coisa doida, sabe. É um negócio horrível.

V.: Lembra de outro fato dessa, que marcou essa fase da irmã Emília, a personalidade da irmã Emília com as colegas?

Geo.: Tudo, tudo, ela entrava, todo mundo vem, a irmã Emília, coisa horrorosa, mulherona, sabe. Quer dizer, eu fiz, depois eu fiz em 65, eu fiz lá, em São Paulo, curso de especialização em Saúde Pública. E outra sabe, 65 pra 62 não era lógico, mas era uma Maria Rosa, era completamente, elas tinham, tinha internato, fiquei lá internada, era internato, outro conforto pro meu quarto, e tal, você está entendendo? Mas era outro departamento e não era nem melhor nem pior, eu acho que até melhor porque as moças ficavam mais autônomas, né, sua autonomia muito mais em cheque, né, podia ser muito mais, ter muito mais esta autonomia do que uma, sabe? Eu lembro era horrível, lá vem irmã Emília. Tinha uma, tinha um negócio será que tinha um negócio de rezar, ou eu estou fazendo, acho que tinha uma coisa de rezar terço.

G.: Possivelmente deveria ter.

Geo.: Eu acho que tinha.

G.: Você lembra de algum capelão?...

Geo.: Tinha, tinha um negócio de capelão, não sei tinha uma igrejinha perto lá do internato que a gente ia nessa igrejinha, parece que era, tinha, parece que era, era obrigatório nos domingos, tinha um negócio assim.

V.: Alguma coisa que você falou antes sobre, a ajuda que o grupo dava né, escondendo fatos, lembra de algum fato que vocês se organizaram pra esconder da irmã Emília?

Geo.: Ah, ia pras festas a gente ia muito para as festas tinha um (inaudível) a gente ia direto pra, acho que ia direto pra, pro hospital.

G.: Da festa direto pro hospital?

Geo.: [riso] Ah, como é que era gente, eu, era eu, Ivone, Amélia, foi que a gente foi, ficava uma ligando pro estágio da outra pra saber se num, sabe, se não tinha sido descoberto, sabe, eu não sei se nós fizemos uma vez só, se foram várias, sabe, então.

G.: E as férias, aonde você passava as férias?

Geo.: Acho eu que ia, pra interior de Minas, né. Acho que a gente não tinha um mês de férias. Ah, Rio de Janeiro, interior de Minas, é, São Paulo.

V.: Vocês não ficavam no internato?

Geo.: Não.

V.: Não podia ficar.

Geo.: Não lembro, disso eu não lembro não.

G.: É no internato, como que era a situação das alunas, quem pagava pelo internato e quem não pagava, como é que era isso?

Geo.: Acho que ninguém pagava não, acho que não, acho que não pagava não.

G.: Nessa época não..?

Geo.: Eu não sei se, espera aí acho que a comida, quando começou a ter comida parece que a gente dava um tanto aí sim, quando começou a ter comida era uma maravilha o jantar [riso] mas aí o que a gente engordou de tanto comer doce aquela, aquelas fritadas aqueles negócios horrorosos, sabe, mas aí parece que a gente dava um tantinho, eu não lembro não.

G.: E, falando ainda do internato, alguém assim em especial no internato, você disse que todas as alunas né, eram muito unidas, mas assim alguém ou algum fato mais marcante? [pausa]

Geo.: Não, assim, você está falando em termos da...

### [FINAL DA FITA 1 - LADO A]

#### FITA 1 - LADO B

Geo.: ... cotidiano, sabe. Ah, teve, acho que teve uma, deixa eu ver, não, era cotidiano era, era, sabe, era realmente é tinha, tinha sempre alguém na berlinda né, em relação a irmã Emília, por coisas bobas né.

G.: Todos tentando ajudar.

Geo.: Todo mundo tentando ajudar, e, né.

G.: Quanto tempo você que ficou no internato?

Geo.: Três anos

G.: Durante todo o curso?

Geo.: Todo a curso.

G.: Falando no curso é...

V.: Do internato você lembra de alguma aluna que tenha sido, que tenha tido uma punição maior, tenha saído do internato, por alguma falta maior?

Geo.: Lembro disso não. Talvez tenha até havido, mas num.

V.: Você não se lembra, a Maria da Purificação ...

Geo.: Ah, sim tem um negócio com a Puri, né, foi negócio complicado.

V.: Você se lembra o que aconteceu?

GEO.: Acho não sei se ela respondeu a irmã, a irmã era ... Ah, era uma turma na frente nossa, né, e ela, a irmã Emília era implicadíssima com essa turma, né, porque as meninas eram menos, submissas eu acho e, ou, ah teve esse negócio, mas eu não, eu tenho, é uma coisa longínqua né, eu lembro da Puri, agora eu lembro que não era um negócio justo, não sei, não foi por uma coisa justa, sabe, é, a, sensação quer dizer pode ser até irresponsável o que eu vou falar falar porque eu não me lembro exatamente, mas eu, eu me lembro que era coisa muito mais pessoal da irmã Emília com a Puri,



Puri, né..

V.: E a Delba?

Geo.: Pois é, a Delba eu não lembro mesmo. Eu lembro, eu estou lembrando é da carinha dela, foi um negócio de namorado né. Estou, lembrando da carinha da Delba mas eu não, não...

V.: Lembra do fato, né?

Geo.: Lembro do fato, eu lembro que teve qualquer coisa, mas eu não me lembro exatamente.

G.: Georgina, é você já falou bastante, né, sobre o internato, se for o caso a gente volta num outro momento, vamos falar agora um pouco sobre o curso em si, sobre o ensino em geral, como é que era, o ensino teórico, como que eram as aulas, onde que eram dadas essas aulas, quem que davam essas aulas, do que você se lembra?

Geo.: Olha, é, a, a, os, as aulas teóricas eram dadas, tinha o Hospital São Vicente, né, que era um hospital assim velho, só tinha pediatria, era dada, acho que dependia do professor, se não me engano, mas tinha muito. No primeiro ano que eu acho, no primeiro ano nós tivemos muita aula lá no São Vicente. E as aulas dependiam, tinha aula boa tinha aula ruim, mas evidentemente que era uma aula dada pra, é, a, a alunas de, que fizeram ginásial, né, quer dizer não tinha nenhum aprofundamento de, de nem de biologia, nem de. Agora quando você pegava um professor bom, é, que diziam lá que aquela aula que ele estava dando pra gente era a mesma que ele estava dando pra, pra, estudante de medicina, né. Lembro do Bogliolo que dava patologia que eram aulas muito boas, é de fisiologia, anatomia, é, é, tivemos aulas práticas, é, mas eu acho que eram aulas, isso que estou te dizendo, né, eu tenho impressão que quando começaram a exigir o curso secundário completo o pessoal já tinha noções melhores de, enfim biologia, física, química, etc e tal eu acho que as aulas devem ter sido melhores.

G.: Alguma disciplina que você gostou mais?

Geo.: Isso que estou dizendo, gostei, Bogliolo dava patologia, a obstetrícia que a ginecologia e obstetrícia, que era uma médica, não lembro mais o nome dela, também foram boas, né. Agora eu lembro que as aulas dadas pela, pelas enfermeiras eram muito fracas do ponto de vista teórico. Porque por exemplo, a dona Izaltina que era uma pessoa intelectualmente muito bem, mas ela, ela fazia discursos né, quer dizer, e,

e também dava técnicas um negócio assim, acho que (inaudível) então, ela fazia lá o discurso dela, quer dizer a gente gostava muito dela etc e tal, mas não sei se na prática aquilo, eu não me lembro Tinha dona Rosa, então tinha aquela coisa muito do caderno ... irmã Emília também as aulas eram, né, aquela coisa de caderninho, parece que ela decorava aquelas mesmas frases, né, aí você anotava era uma coisa muito medíocre. É, mesmo a dona Rosa né, uma coisa assim muito, né, muito tímida.

V.: Você acha que essas aulas eram fracas porque você tinha um potencial maior ou as outras colegas também achavam que essa parte teórica era assim fraca.

Geo.: Não sei, está muito distante.

V.: [riso]

G.: E, a prática, você disse que desem iam pro Hospital São Vicente, tinha outro campo de prática?

Geo.: Não, no Hospital São Vicente a gente tinha aulas. Lá tinha uma sala de aula que era da enfermagem e parece que a enfermagem e a secretaria também era lá, da enfermagem, né. Então, a gente tinha, tinha uma sala lá que terminava o estágio, a gente ia pro Hospital São Vicente pra ter as aulas. E tinha também eu acho que no, na Escola de Medicina, acho que sim, na, nos diversos, nos diversos lugares, unidades.

G.: Do Hospital das Clínicas.

Geo.: É acho que sim.

G.: Como que era o uniforme da prática?

Geo.: Ah, acho que aquela coisa de, ah tinha um negócio comprido, né, tinha que ser bem comprido, não podia porque foi a época que começou as mulheres. Agora também tem o seguinte, né gente isso tudo eu vivi antes da revolução sexual, né. [riso] Então, acho que muita coisa é muito em função da época, né. Então, tinha uns negócios assim, avental., tinha que está sempre muito arrumado, tinha uma, uma e tinha uma meia, né, que tinha que cobrir, mas eu lembro que não podia aparecer, teve um negócio que eu fiz que eu lembro que já que não podia aparecer a perna, acho que a Ivone, eu sei que algumas fizeram isso, a gente então ao invés de ter a meia soquete a gente punha a meia até em cima, então não tinha porque dizer que a perna estava aparecendo, porque a meia que aparecia, sabe. E aí a gente levantou ... a meia... a saia, um pouco. Levantamos a meia e a saia, né, porque não podia aparecer a perna, né.

V.: Estava coberta com a meia.

Geo.: Estava coberta com a meia, tinha umas coisas assim.

V.: Você tinha outra, mexia com alguma outra coisa fora da escola, participava de algum grupo fora da escola?

Geo.: Sim, sim aí eu fui pra JUC.

G.: JUC era o que?

Geo.: Juventude Universitária Católica, que tam ... foi uma das coisas melhores da minha vida.

V.: Enquanto estudante?

Geo.: Como estudante. Eu estou dizendo que eu não tinha tradição católica, né, mas aí eu num, eu fui porque eu queria, eu não fui porque eu era católica não [riso] sabe, eu ia porque eu queria. Primeiro que eu fui como é, representante da Escola de Enfermagem.

V.: Na JUC?

Geo.: É.

V.: Era solicitado?

Geo.: Era, eu era pela Escola de Enfermagem, mas tinha pouca gente, mas mesmo assim a gente tentava organizar coisas, e, e, e aí eu participava. Participei da JUC, depois que desapareceu JUC fui pra APE [Empenho Político Estudantil], nossa, isso pra mim foi o máximo. Com todas as críticas que você possa fazer, né, é ao movimento de esquerda, etc, mas pra mim foi assim uma. A primeira vez que eu vi falar em sociologia, em, em sociologia não, em capitalismo, foi nos dez anos de JUC que eu vim pela Escola de Enfermagem aqui no Rio, tá. Isso em 60, foi fantástico, pra mim aquela coisa foi maravilhosa, sabe.

G.: Mas, você, é já que você disse que pela JUC que você inclusive veio ao Rio de Janeiro, você fez algum estágio ou alguma visita em alguma instituição fora de Belo Horizonte durante o curso?

Geo.: Não, espera aí, não.

G.: E como que era o relacionamento das alunas de enfermagem com outros alunos, por exemplo, com os alunos de medicina, como que era esse relacionamento, inclusive se a, ocorreu alguma paquera, ou mesmo algum casamento?

Geo.: Não, não tinha muita paquera, tinha muito casamento, mas tinha uma coisa assim meio é, é, quer dizer não era de igual pra igual, sabe, não era é, tinha um, que eu acho que nem era, nem sei se era dos médicos, eu acho que as próprias enfermeiras sabe, tinha uma coisa assim, é, eram os colegas médicos, não é, estava sempre naquele lugar meio que inferiorizado.

G.: Em relação aos professores você já disse, que às vezes eram professores inclusive de, professores da Faculdade de Medicina, tinha os professores de enfermagem, é, alguma instrutora, colega de um ano mais avançado, como é que era isso, você era supervisionada por alguma outra colega?

Geo.: Não, não me lembro não, se era ou não, lembro das instrutoras dona Aparecida, ela ainda é viva?

V.: Freire?

Geo.: Freire. Aparecida que era ótima ia para as festas com a gente.

V.: Ah é?

Geo.: É, era maravilhosa.

V.: Ela morava no internato, não?

Geo.: Não, mas ela, ela ia, né, ia para as festas, sabe, ela era ótima.

V.: E quando ia com a professora assim, podia chegar mais tarde?

Geo.: Não, aí eu acho que aí nunca podia, tinha sempre, por exemplo, a gente dormia muito na casa da Ivone, a casa da Ivone era um ...

V.: Segundo internato. [riso]

Geo.: É, é uma extensão, né? É, não acho que não podia dormir, não lembro não, acho que não, porque tinha que fechar né, não tinha. Porque mesmo em São Paulo, como é que era o negócio lá em São Paulo? Não, tinha uma pessoa, tinha um negócio de horário também, mas parece que você, tinha uma pessoa que dormia lá, não sei se podia chegar até uma hora no sábado e domingo, se podia chegar até uma, duas horas, porque tinha lá o funcionário, né, na, na recepção. Então, é engraçado é um negócio muito amador, né, eu comparando com São Paulo que era aquela estrutura, né, aquele maior conforto, aquela comida maravilhosa, aquele bandejão, você chegava, não sei o que eu e Maria Rosa toda linda e maravilhosa, sabe, era outra estrut ... era, é, uma, na, em São Paulo a gente tinha uma estrutura profissional, era uma escola profissional,

sabe, e lá no coisa era tudo muito amador, né. Acho que tinha pouco dinheiro, também tinha isso, né, então tinha que, e acho que nesse ponto, acho que a irmã Emília deve ter feito das tripa o coração, né, pra arrumar, né, parece que tudo era muito batalhado, né, porque não era a escola, tudo dependia da Escola de Medicina, e como a prima pobre, evidentemente que o dinheiro ia pra Medicina.

V.: Você falou antes que não podia dormir fora, depois você falou que dormiam muito na casa da Ivone.

Geo.: Mas nos dias que podiam.

V.: Que podiam, ah tá.

Geo.: Nos dias que podia.

G.: Georgina, é.

Geo.: E quando acontec ... lembra que nós ficamos telefonando porque eu acho que a gente não podia, porque tinha estágio, aí o que a gente fez, a gente foi para as festas e foi direto para o estágio, alguém levou as roupas pra gente, quer dizer nós fomos uma temeridade.

V.: [riso] Teve algum fato assim por exemplo de alguém matar plantão pra ir na festa e ter problema, ser descoberto ou não descoberto?

Geo.: Na nossa turma eu não lembro, acho que Ivone, a Ivone que fez um negócio desse na época.

V.: Matou plantão e foi pra festa?

Geo.: Eu não lembro, eu nunca fiz, acho que não fiz não, mas acho que teve, ...mas podia ter acontecido, acho que fez sim, teve aconteceu sim. Mas no Hospital , sabe, assim, sabe.

V.: Morrendo de medo.

Geo.: Medo de, assim, é engraçado que eu acho que a gente não, nós não fic ... é que essas coisas são bivalentes lógico né. A gente ficava meio moralista, aquela coisa e tal e não sei o que e ao mesmo tempo com, com medo que a irmã Emília descobrisse, né, então era uma coisa muito ambivalente principalmente se o plantão era da gente também, porque aí a gente tinha que segurar toda peteca, né. Então, eu acho que tinha isso eu acho que teve.

G.: Você se lembra de alguma colega que transferiu de curso, desistiu de fazer o curso?

Geo.: Acho que a Rosilda, acho que a Rosilda mesmo foi uma né? Acho que a Rosilda não sei se terminou não.

V.: O que aconteceu com a Rosilda que você se lembra?

G.: Ou de outras colegas que razão?

Geo.: Acho que a, a como é que ela chama ah, a Leila, a Leila deixou o curso.

V.: Por que, cê lembra?

Geo.: Foi um negócio tão, tão confuso aquilo que eu não, eu não. Eu acho que ela não aguentou aquela, que a Leila era mais, era, era, era mais, vamos dizer assim, era mais livre que a gente, arranjava umas [inaudível] [riso] loira, os peitões enormes, sabe, oxigenada, quando a Leila, sabe, a Leila uma, a homaiada toda olhava pra Leila, né, uma mulher, sabe, aí a gente, aquelas meninonas tudo bobona, sabe, eu acho que ela não aguentou muito aquela, aquela coisa de ficar no internato. Teve um negócio, eu lembro que a irmã Emília, dep, quando a Leila deixou, mas ela fazia um discurso dizendo que não foi por conta dela, sabe isso eu lembro que foi decisão da Leila, porque família acha que teve lá um negócio que isso eu não, também é muito tempo pra eu lembrar, mas teve lá uma confusão que pra mim na época não ficou muito clara não.

V.: E da Rosilda?

Geo.: A Rosilda teve problema de doença, eu sei que pra gente foi um negócio difícilimo de, de lidar. Lembro que nós sofremos demais. Mas aí ela é que vai falar, né.

G.: Nessa época a escola não, não tinha aluno do sexo masculino você se lembra de algum aluno querendo, algum candidato?[pausa] É a escola teve uma época que ela prestava serviço pra comunidade como, aplicação de injeção ou fazer curativo ou plantão particular, nessa sua época existia esse tipo de trabalho?

Geo.: Não, tinha não. A gente fazia isso na saúde pública, né, mas aí era estágio.

G.: Por falar em estágio, você fez algum outro estágio fora do curso?

Geo.: Durante os três anos?

G.: É. [risos]

Geo.: Não. Tinha jeito não.

V.: O dia inteiro né?

Geo.: Não podia não, tudo era coisa eu falei pra irmã Emília, você estava ali pelo cabresto, eu tenho impressão que era até proibido se eu não me engano. Não podia fazer.

V.: Não tinha plantão particular na época, não né?

Geo.: Não, ah não era. eu acho que quando nós entramos, havia, mas aí ela cortou porque era, ia tirar, tinha um negócio assim, agora que vocês estão falando eu estou lembrando. Minha memória não está muito boa não, né, está muito difusa.

V.: Tem muito tempo, né, Georgina?

G.: Sobre as atividades sociais da escola você se lembra dela participando em algum evento social, alguma festividade da cidade ou tipo assim, ou então da própria enfermagem, Semana de Enfermagem, festas religiosas, sete de setembro, por exemplo, se você se lembra da escola participar.

Geo.: Olha eu lembro, eu, eu lembro que é, é porque aí fica mais fácil, eu lembro que eu participei de uma semana do, é, eu lembro que a gente, ah sim, vacinação, toda vestida de, sabe, paramentada de enfermeira, quando começou a, a vacinação oral de ...

V.: SABIN.

Geo.: SABIN. Eu lembro que nós fomos pra, era uma coisa, Belo Horizonte inteiro, vários colégios não sei o que, eu lembro que a gente participou. Eu lembro de um neg, também toda vestida de enfermeira, negócio da igreja, que foi gente eu lembro, eu carregando uns doentes, acho que os doentes que a igreja, era uma semana, não sei, de paraplégico um negócio assim, deixa eu ver que mais.

V.: Uma procissão de Corpus Christis que tinha de usar aquelas capas. Você se lembra de algum?

Geo.: Eu não sei se tinha uma briga de, as pessoas não quererem assistir aquelas coisas, né, tinha, tinha um negócio assim.

V.: De usar as capas.

Geo.: Tinha uma coisa assim das capas, né, aí, aí.

V.: Passou.[risos]

G.: E festas dentro da escola, tipo assim comemoração do aniversário da escola.

Geo.: Ah, sim. Tinha, como é que era, aí sim, aí a gente ficava toda alegre porque tinha comida, tinha um negócio assim de, era no dia de São Vicente que as freiras, gente, mas é um negócio, mas a comida era um negócio indescritível num, olha que eu como tudo, sabe. Não dava pra gente comer o bife, você já imaginou, a gente saía daquela aula de anatomia com cheiro de formol com a coisa da narina impregnada, aí tinha aquelas coisas horrorosas uns bifese, mas um negócio, olha, o que o prisioneiro diz de comida era, era, a comida aí o arroz um arroz que você num, mas era uma coisa, não dava pra comer.

V.: A comida vinha pronta do Hospital das Clínicas?

Geo.: Era no próprio, no, no próprio Hospital das Clínicas.

V.: Que vocês tomavam a refeição?

Geo.: Refeição, né. No almoço e aí quando tinha essas comemorações era uma maravilha, porque aí a gente comia como gente. E eu lembro, e aí vinha assim três quilos de, de goiabada, a, as pessoas já devem ter falado dessa goiabada, porque era ...

V.: Fala você. [risos]

Geo.: Aí a gente, não dava pra comer o bife, não, você pode imaginar o que não dá, uma coisa gostosíssima que é bife não dá pra comer. Aí o que acontecia, aí a gente pegava pão e punha goiabada no pão, nosso almoço era pão e mas a gente, ah sei lá a gente se virava, tinha uma mulher lá que fazia uns bolinhos de soja, a gente ia comer esses bolinhos de soja à tarde, saía acho que pra casa de amigos, sei lá, sei lá. Até que veio essa, essa, esse jantar, né, que aí realmente foi um jantar maravilhoso.

V.: Falar em repetições parece que você dava umas aulas internamente assim pras alunas de, de, etiqueta, era você, era você que dava?

Geo.: Não estou lembrando disso não.

V.: De boas maneiras, como usar os talheres, não?

Geo.: Não lembro disso não. [riso] Se eu dei, mais alguma no meu currículo. [riso]

V.: Ô Georgina, vocês tinham atividades, que você falou de colégio de divulgar enfermagem.

Geo.: Eu fiz uma vez, eu lembro que teve uma Semana de Enfermagem que eu, é que eu saí, inclusive foi no Colégio Estadual, sabe.



V.: Retornou?

Geo.: Retornei ao Colégio Estadual e conversei com o, como é que ele chama gente, Newton Cardoso, que ele era, era, naquela época ele era o diretor do Colégio, falei com Anália que foi minha colega e todo mundo no auditório e aí eu fiz um discurso pra falar que a enfermagem era o máximo, você entendeu e acho que é, fiz em outros colégios, não sei se foi uma só ou se foram várias, mas eu lembro de ter feito isso.

G.: Georgina, você parece que foi assim bem, é, um expoente na enfermagem em termos da organização estudantil, em termo de representação, né, falando de, de, da organização estudantil, existia alguma forma de organização com as alunas.

Geo.: Não, era muito na base de um acordo, pessoal muito, muito apático, né, a gente tentava, né, fizemos jornalzinho, né, jornalzinho mural, era estilo hipertiroideo não é, e mas assim uma coisa meio, nada, nada revolucionário, não é, tem. Mas, enfim, eu acho que não sei, não lembro se tinha artigos nossos, não lembro não, mas eu acho que a gente, que nós fizemos um mural que movimentou pelo menos as pessoas que paravam no mural liam, paravam, liam né. E pe ...[pausa] eu não, não estou lembrada. Não, e aquelas pessoas, eu acho que a JUC foi importantíssima, JUC, essa, essa representação junto a Escola de Medicina, porque a gente estava ali, né, na, na.

G.: Alguma greve nesse período seu da escola?

Geo.: Na Escola de Enfermagem?

G.: É.

Geo.: Imagina, não lembro disso não, greve?

V.: De alunos?

Geo.: De alunos da Escola de Enfermagem acho que era impossível, não lembro não.

V.: Ou [gagueira] de outros estudantes que a enfermagem aderiu, pouco ou mais ou muitos.

Geo.: Acho que não, se teve eu não lembro.

V.: Não foi marcante?

G.: Você é, por exemplo, se lembra da mudança da escola para o atual prédio, no local que ela funciona, da Getúlio Vargas para Alfredo Balena?

Geo.: Mas engraçado, é, foi quando, é, quando que foi?

G.: Foi em 62.

Geo.: Ah, então eu já tinha saído, né. Mas engraçado que eu estou lembrando de uma, de uma, nós tivemos uma, que eu morei na Alfredo Balena?

G.: Não sei.

Geo.: Por que foi quando de 62, vocês têm aí?

V.: Não, não tenho o mês. Você se formou em fevereiro de 62, deve ter sido antes. Você não se lembra da construção do, da escola, se lembra?

G.: O que você se lembra dessa construção?

Geo.: Ah, irmã toda hora que a gente via a irmã Emília, ela tinha que dizer dessa construção, como que estava sendo, nossa, o que ela brigou com aqueles ... né, porque também a gente não tem que ficar maniqueísta achando que ela era só uma maluca beleza, e não era nada beleza, é maluca mesmo. Mas, é, acho que teve esse lado dela né, de enfrentar o pessoal da medicina, de, né, eu lembro muito disso da, da luta pra se fazer a escola, né, ela tentando verba fazendo reuniões, né, e isso eu lembro muito bem, isso aí, e também ela toda aula ela tinha que colocar isso.

G.: Ela colocava sobre a luta por essa construção?

Geo.: Construção e tal.

G.: Você chegou a conhecer essa construção?

Geo.: Olha depois eu dei aula lá e eu tenho impressão, gente eu acho, engraçado, eu, tenho um negócio aqui que eu estou lembrando que parece que foi lá que nós tivemos que a gente teve um retiro, porque tinha esses negócios, tinha esses retiros foi até com, com o padre, como é que ele chama?... Jair e o espaço físico eu estou lembrando ter sido lá nes ... na, na, na, agora eu não lembro eu morando lá não, eu lembro, engraçado isso.

G.: Talvez depois a gente chega lá. É vamos falar agora da sua formatura, você se lembra, da solenidade de formatura, como é que foi.

Geo.: Acho que não teve formatura não.

V.: Deve ter tido não?

G.: Se teve ...

Geo.: Tem uma fotografia nossa, da gente com dona Iole, a Osirinha, é Osirinha junto com a, com a não sei se teve uma brig ... a irmã Emília não queria, eu não lembro não, eu só lembro dessa fotografia, ou teve uma festa lá na, na, muito íntima foi essa

fotografia está lá na, na, na.

V.: Na escola?

Geo.: É, lá, lá, lá, no internato. Agora não sei se foi opção nossa, tá, teve uma festa com os médicos, sabe? Uma festa que não a gente comemorou, mas não sei se tinha não ver com não medicina.

V.: Com a formatura.

Geo.: Com a formatura. Nós, nós fomos, fizemos a festa junto com os colegas médicos foi lá no Minas Tênis, eu até cantei, ai que vergonha, eu morro de vergonha.

V.: [riso] Você cantava Georgina?

Geo.: Nada, mas, eu só sabia uma música, e aí eu resolvi cantar pra, sabe, isso aí engraçado.

V.: [riso] Que música você lembra?

Geo.:(inaudível) meu bem..

GEO.: [risos] Eu lembro que não Dorinha colega nossa, mas quando ela viu, a Dorinha, ai meu Deus, a Dorinha começou não rezar quando viu [riso] eu levantando...

V.: [riso] Você bebia na época? Não, né? ..no grupo como um todo, não, era festa seco mesmo?

Geo.: Festa seco, as bobagens.

V.: Que lembranças você tem da, das professoras, você falou em duas, Alaíde e, alguma coisa assim interessante?

Geo.: Olha, eu, eu lembro muito, é eu acho que elas também nos protegia, né? Do jeito delas etc e tal. E, mas Alaíde quer dizer ela ficava muito submetida, nunca vi uma coisa tão, tanta submissão com irmã Emília, né, aquela coisa.

V.: E não Alzirinha?

Geo.: Alzirinha também.

V.: E a Daura?

Geo.: A Daura era da, da, a Daura não era professora, quando eu.

V.: Da biblioteca.

Geo.: Da biblioteca, né.

G.: Não, eu acho não dona Daura, eu acho que ela.

## [FINAL DA FITA 1 - LADO B]

### FITA 2 - LADO A

V.: Pode continuar.

Geo.: Eu falei que não bebia de um jeito bem moralista, eu não bebi, porque eu não gosto de beber, né, (inaudível) aliás tem até uma cervejinha aí, tem vinho, vocês, depois a gente bebe, [riso] se vocês quiserem.

V.: Mas, você bebia na época, na juventude, bebia?

Geo.: Como é que é, tinha um, espera aí, tinha, antes, imagina, antes de 65, não sei se tinha um lance de alguém que bebia um pouco mais, era uma menina bonitinha que tinha. Ah, espera aí, Maria, ah, a Maria Helena que está em São Paulo. Não, eu acho que estou inventando, acho que isso aí, acho que estou inventando, não existia nada disso não. Ninguém, eu não lembro de.

G.: Quer dizer que ...

Geo.: E se bebesse seria uma coisa tão boba, tão, sabe alguém embebedar com um copo de cerveja, seria isso, eu não lembro de ter essa, sabe?

G.: Quer dizer que nessas festas, inclusive igual você falou na formatura você não se lembra, não existiam, né, a, a, essas comemorações, né.

Geo.: Nós comemorávamos, mas, comemorações nossas.

G.: Georgina, é após a formatura você se sentiu preparada para começar trabalhar?

Geo.: É uma profissão que requer um tempo, acho que nem ... não é acho que o negócio num? Mas, eu não acho que seja por conta da escola, eu acho que ninguém sai de uma escola se sentindo preparada, de jeito nenhum.

G.: E, a escola depois que você se formou ela continuou sendo referência pra você? Ou você nunca mais voltou lá?

Geo.: Não, depois eu dei aula lá, fiz um curso de psicologia, psicologia da personalidade, foi lá. Por que, logo, depois eu entrei para faculdade, fui fazer psicologia.

G.: Isso que eu queria perguntar para você.

Geo.: Então, então aí, é, aliás, ainda estava fazendo enfermagem, aí comecei a fazer cursinho, né? Então, coincidiu, eu acabei enfermagem, entrei na, na psicologia. Então, eu saí [gagueira] distanciei, comecei, nem ...

G.: Você não chegou a exercer a profissão como enfermeira?

Geo.: Exerci, é lógico que eu exerci.

V.: Só voltando na psicologia, algum colega, alguma colega que você conhecesse do curso fora, que tivesse fazendo psicologia com você, por exemplo, que fosse também enfermeira?

Geo.: Ah, tinha, tinha Nairzinha, tinha a [Caribela], Carmelita. Mas eu não tinha muito contato com elas não.

V.: Irmã Emília também foi da sua sa ...

Geo.: Irmã Emília, foi lógico, taí, irmã Emília foi, neste ponto irmã Emília foi, é, me identifiquei, porque foi através da irmã Emília que eu fiquei sabendo do curso de psicologia. E a professora que dava as aulas pra gente de psicologia eu achei, quer dizer eram aulas péssimas também, era tudo com caderninho, sabe. Mas, eu concordo, a dona Irene, mas sabe que de repente, uai gente olha que negócio interessante isso que ela está falando, sabe.

V.: No caso da irmã Emília como colega nada de ...[sobreposição de vozes]

Geo.: Elas eram contemporâneas, aí, ela fa, ela era mais adiantada do que eu, né? Mas ela continuou sendo irmã Emília, ela mal me cumprimentava, sabe .

V.: Não tinha uma aproximação, não né?

Geo.: Não, de jeito nenhum.

V.: É, fala um pouco pra gente depois, da sua vida como enfermeira.

Geo.: Olha eu fui ...

V.: Seu primeiro emprego.

Geo.: É quer dizer nem foi o primeiro emprego, aí eu precisei de ter vários empregos, né? Estudava à noite psicologia, trabalhava na gastroenterite, depois no Hospital Sálvio Nunes, hoje eu não sei mais o que é. É, que era ligado a Secretaria de Saúde, né, do Estado. Trab, nesse meio tempo eu também trabalhava na, é num hospital particular, é pediatria também. Engraçado isso aí eu acho ruim, porque a gente sai sem ter escolha,

né, você não faz, você nem pára pra pensar o que, que é, o que você gosta mais, não é? Você não faz uma pós graduação, né, que foi o que, quando eu vi em São Paulo, né, e aí o pessoal tinha pós graduação de Saúde Pública, de obstetrícia, de que mais? Aí, eu entrei onde eu arrumei emprego, sabe, é na gastroenterite municipal, é aí fiquei, trabalhei nesse, mas também nisso, nessa não sei se eu fiquei muito tempo, na gastroenterite estadual, eu fiquei. Também trabalhei no pronto socorro, né, é de, aí eu trabalhei enfermagem de 62 até 67, porque depois eu fui pro Galba Veloso, né, embora eu ficasse responsável por uma enfermagem, mas aí eu fazia de um tudo, fiquei um tempo também responsável pela psicologia. Aí ficava um negócio meio ambíguo, era enfermeira, era psicóloga, sabe? Então, quer dizer basicamente eu trabalhei de 62 a 67, foi na gastroenterite já no hospital Sálvio Nunes aí eu pedi minha transferência e fui pro Galba Veloso, aí fui aí, já fui lidar com doente, com doente mental.

V.: Georgina, que, você foi enfermeira na época da revolução, né? Em 64 fala pra gente essa relação como é que era, como é que foi ser enfermeira durante a revolução. Se teve alguma ...

Geo.: Olha, ser enf ... não, eu não tive, eu não tive nenhum ... porque eu lidava com criança, então, não tive nenhum vamos dizer assim, com... dentro da profissão, né? Agora eu era, era militante de esquerda né, e vivi, né, fui chamada para depor, mas eu era muito, eu não era, quer dizer, naquela época quem era, Betinho né, Caldeira Brant, o Henrique Novais, essa gente que, né, que era, que era a base, né, mas acharam lá meu nome e eu fui depor como um tudo quanto é estudante. Mas aí eu já estava na, estou dizendo estudante porque eu já não era estudante de, era estudante de psicologia, né e mas como enf ... E tinha umas coisas assim, mas muito pouco, né, de os médicos, aí, já, né, podia conversar com os médicos, as reuniões, né. Tinha médico na gastroenterite, que era gente de esquerda, isso aí tinha que ter o maior cuidado pra, né, porque todo mundo estava ali, né.

V.: Olhando.

Geo.: Olhando.

V.: Você não foi enfermeira no Pronto Socorro nesse período, não.

Geo.: Isso é que eu queria dizer.

V.: Não se lembra assim de nenhum fato, ou de nenhum colega, enfermeira que tenha tido, tenha trabalhado do outro lado, digamos assim. Tenha tido uma atuação mais marcante. Nem de esquerda, nem de direita?

Geo.: [som de negação]

V.: Depois de 67 o que você ...

Geo.: Eu fui para o Galba Veloso, fiquei no Galba Veloso. Ah nesse em 65 fui pra São Paulo, eu trabalhava na gastroenterite, fiquei um ano lá fazendo curso de saúde pública.

V.: Pela esc ... pelo trabalho ou particular?

Geo.: Pelo trabalho, aí ganhei, ganhei é bolsa da CAPES, aliás eu fui sem um tostão, porque é, na gastroenterite a gente ainda era, era muita conta [risos] é a gente não era contratada, inclusive a Maria Helena é, que é lá da escola ela me ajudou, sabe, mas eu não lembro, eu fiquei um tempão com muito pouco dinheiro lá, depois eu ganhei uma bolsa da CAPES, mas já era no final, aí era muita grana [pausa] e, aí saiu a nossa, nossa nomeação, mas eu lembro que o primeiro semestre lá na, na coisa era muito...duríssima, a gente não tinha dinheiro nem pra ir ao cinema.

G.: Nomeação para ...

Geo.: O Estado.

G.: O Estado.

V.: Depois você veio pro Galba Veloso e até quando você trabalhou no Galba?

Geo.: Fiquei no Galba até 69.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Pronto.

G.: É, sobre a sua participação na Associação e no Coren?

Geo.: Olha, é, depois de formada eu não me lembro de, é participado não. Enquanto aluna, eu lembro que teve um Congresso, é, eu lembro da, da Circe, né, que era, lembro da Circe como presidente geral, né, que a gente (inaudível) da Valderez, que era não sei se ela era da Seção Minas Gerais, né, e teve um Congresso, eu lembro que a gente participou, ajudou, etc, né, e tinha engraçado a gente tinha contato, né, pela

escola e tal, mas depois eu num aí.

V.: Não participou mais?

Geo.: Não.

G.: Georgina é, mais alguma coisa que você queira complementar dessa nossa conversa sobre a escola, seu tempo de escola, ou sobre o curso de enfermagem?

Geo.: Olha eu acho que basicamente eu acho que já, acho que falei das coisas fundamentais né, da, da amizade que foi muito grande, né, é do desconforto, da precariedade, é, alguns, alguns estágios foram muito bons, tinha monitoras né, muito boas, muito exigentes, outros não, é, [pausa] eu acho que aprendemos né, o que era possível.

V.: Você faria Enfermagem de novo? Se pudesse voltar o tempo?

Geo.: Olha, eu adoro trabalhar em hospital sabe, adoro aquela coisa de chega correndo põe, liga sangue, soro e não sei o que e sabe, aquela, eu gosto, eu gosto dessa, disso. Engraçado eu não acho mórbido o ambiente hospitalar, sabe, eu gosto dessa coisa. Agora, eu acho que tem essa, essa coisa intelectual que eu não posso dizer agora que eu, né, que eu posso, por isso de um lado e eu, né? E não é, não é só o que eu acho que o, o, o ambiente não só de Enfermagem, mas de Medicina também, né, quer dizer eu não sei se eu, se eu, mas, aí não é nem contra porque tem gente que é muito mais é estuda muito mais do que eu, e sabe muito mais do que eu, é muito mais intelectualizado que eu, e vive muito bem como ...

V.: Como enfermeira.

Geo.: Como enfermeira, como médico, né, mas quer dizer é uma coisa minha né, de dificuldade minha, não sei se eu conseguiria conviver com um determinado trabalho que nun... que na realidade, né, não requer muita reflexão, muita coisa da ação do fazer, né, e por conta disso, né, que eu acho que, não sei se eu conseguiria, né, não sei seria e, se era possível, se era possível, né, pra mim é, conviver, né, porque aí você convive muito, né, é com pessoas que, que a preocupação é uma, né, é outra, as preocupações não são as mesmas, de ordem intelectual, é lógico, né. Então, nesse sentido eu não sei se eu faria não. Mais, é (...) por outro lado eu gosto muito, eu gosto muito da, da, do trabalho, né, daquele ... do, do, daquele exercício, né, de (...), é, eu nem sei se é, se é o exercício de cuidar, porque eu não sou muito de cuidar não [riso] que



eu acho que é uma coisa que é muito da enfermagem né, eu acho que a enfermagem tem, ela faz aquilo que o médico, que não é da medicina, né, porque na realidade quem cuida do doente é a enfermagem. A enfermagem e os, os paramédicos, né, chamados paramédicos, assistente social, auxiliar de enfermagem etc e tal, mas eu não sei eu não sei, nem sei se eu gosto tanto de cuidar sabe aquela coisa de ficar, mas eu gosto daquela ...

V.: Do movimento do hospital.

Geo.: Do movimento, eu gosto do movimento do hospital, não acho nada mórbido, sabe (...) aquela coisa do, do, da, né, da compreensão daquela doença de o que segui, o que não segui, aquela coisa da pessoa chegar morrendo ali, né, crianças que via muito isso, chegando morrendo, aí duas horas depois a criança já está ali acho fantástico. Agora tem a coisa difícil que é lidar com a morte, acho que é uma coisa que está ali o tempo inteiro né, já é difícil pra gente, né, pensar na própria morte, aí você tem né, essa coisa que é e aí, nesse ponto acho que a psicanálise lembra muito né, porque você vê a morte num outro nível, né, está ali presente o tempo inteiro, a pessoa está falando é do medo que ela tem, gostaria de ser imortal, etc e tal, né, nesse sentido acho que até lembra, mas é, é um outro, é um outro contexto, né. É o contexto mais passivo você ficar na escuta, você, que a, que a, porque não tem nada a ver com a medicina, né, medicina interv ... intervencionista né.

G.: Você está falando que um psicólogo que tem essa posição de, de ouvir né?

GEO.: Eu estou falando do analista, porque o psicólogo é mais ou menos, sabe, dessa coisa de intervir, de, eu estou falando do analista, que hoje eu me acho muito mais analista do que psicóloga. Fazer teste, né (...)

V.: Mais alguma coisa? [risos]

Geo.: Acho que não, isso eu que pergunto.

V.: Então, a gente agradece a sua participação. Obrigada.

**[FINAL DA FITA 2 - LADO A]**

**[FITA 2 - LADO B NÃO GRAVADA]**

**[FINAL DA ENTREVISTA]**

## **Ficha Técnica**

Data da entrevista: 31 de agosto de 1996

Local: Residência da entrevistada - Rio de Janeiro/RJ

Número de Fitas: 02

Duração da Entrevista: 90 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos